

ROCHA MARTINS



STUART 722

FANTOCHES

UNDERWOOD



PERFEITA COMO
UM RELOGIO
DE PRECISÃO

AGENTES
THE MODERN OFFICE LTD.

Casa especial de mobiliário e artigos para escritórios

R. do Alecrim, 107, 109

LISBOA

Telefone : C. 3066

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

Conversa de D. Carlos com a República no Panteon

O aniversário do regicídio — A mulher de negro — Visões de um exercito falhado — As figuras da monarchia diante da república — Os grandes culpados — A república já morrea

Nem sempre são tranqüilas as noites do Panteon Real. Ha certas datas, anniversários celebres, em que aquela população de sombras soberanas conversa de ataúde para ataúde como se comunicam os espíritos nos espaços. São queixas os seus cicios e jámais saúdades da vida, nem mesmo quando se fez uma boémia realenga como D. João V ou se lidou pouco como D. José I.

Pois na noite de ante-ontem, 2 de fevereiro, fazendo quatorze anos que D. Carlos e D. Luís Filipe foram assassinados, a pesada e negra atmosfera do lar funerário dos Braganças foi agitada pela chegada de uma nova figura. Vestia de negro, ostentava um vasto e roçagante manto com coagulos vermelhos a empastá-lo. Não era um crepe nem uma purpura, o que ela envergava, mas um autêntico manteu de treva e de sangue.

Intranquilo na sua jazida, o rei sentiu e olhou surpreendido aquela aparição. Que singular rainha ou princesa chegava assim para o acolhimento das eças em tal trajo e em tal noite? Talvez alguma desditosa mulher de outras edades em busca de um repouso, talvez a czarina morta nos subterrâneos de Ekaterinenburg. Não lhe reconhecera as feições, sentia-a palpar e adejar e mais nada até que, baixando-se sôbre o vidro da sua urna, ficou a contemplá-lo. Depois, nesses tais rumorzitos vagos e dolentes em que ha mistério e dôr, disse não ser soberana de direito divino decaída do seu trono a tiro, mas a própria República por-

fuguesa que vinha refugiar-se entre os manes régios, farta das mãos dos humanos que a movem.

A República! Mas ali não haveria nunca um lugar para ela, nem era imagem de se mostrar com sua esvoaçante capa e seus laivos sangrentos; consubstanciava a inimizade era a adversária quotidiana, e batalhadora, a feroz demolidora dos sólbios.

Que vinha ali fazer? Que queria dos monarcas, na hora em que se celebrava o passamento do penúltimo rei?

O que ela queria era vê-lo assim abatido, morto, tornado a sua presa? Não. Desejava falar, queixar-se, defender-se, ajoelhar no desolado gesto de quem se penitencia.

—Eu sou a que chamam a República e jámais me senti tão inimiga dos meus supostos servidores como agora em que morri. Sim porque assim como tu, ó Rei! me deixaste o lugar ao caíres — o reinado de teu filho foi o meu prólogo — assim eu faleci desde que me implantaram . . . Eu fui um fantasma, mais nada, uma cousa em nome da qual se fizeram crimes e se alcançaram fortunas . . . República! — e ela gargalhava — uma hipocrisia como tantas outras . . . Olha para que servi . . . Parecia ter-se corrido um largo pano; no acarvoado da necrópole dos reis um farandolar extranho de vivos apareceu ás atenções daqueles mortos . . . E que singulares visões!

A república mostrava ao soberano os que se diziam seus antigos fieis, os que lhe babujavam a mão de beijos, se acaso os consentia, rapapeando diante dos vencedores . . . O Ferreira do Amaral bojudado, o Cerveira de Albuquerque desbotado, o Catanho das reuniões de casa de José Luciano, tornado jacobino, o Fontoura a tratar da agricultura das couves republicanas para fazer o seu caldo grosso, o Sarsfield, que se baixava no pó a procurar as passadas régias, presidindo a tribunais onde se julgavam monarquicos, a militarada toda que não se batera a encher a farda de laçarotes encarnados e verdes e a cantar a *Portuguesa* com os cornetas, sabujos do paço ladrando ás sombras augustas e antigos secretários de ministros sentados nas cadeiras da Camara dos Pares onde só penetravam outrora respeitosamente . . . E como eles enchem a bôca de república e como eles se peguilham a vêr qual é de mais côr vermelha? Ali, o Jaime de Sousa andava tanto a disputar ao Nicolau Mesquita as páginas da filiação.

Numa teoria enorme, não se viam agora senão fardas, muitas fardas, todas cobertas de lama . . . Não era o barro levantado pelos pés dos cavalos no fragor da batalha mas como pastas de castigo mandadas pelo destino . . . Os que as vestiam nem davam por isso porque lhes pagavam o soldo . . . Estes eram os que erguiam as espadas de lata no Bussaco a saudar D. Manuel e depois não as quebravam apesar de tão frágeis.

O monarca via-os e reconhecia-os. Não se tinham virado do avêso; apresentavam-se à república com as mesmas fachadas descaradas.

Só então D. Carlos compreendeu porque se chegara a tanto descalabro nacional, a tanta bandalheira plutocrata, a tanta miséria moral e tanto proxenetismo, porque centenas de rufiões passam por homens de bem e milhares de garotos chupam a teta do regimen. E' que um exercito sem a ombridade de se bater na hora da derrocada póde ser uma corporação disciplinada, mas uma tropa que berra agora: viva o rei! e logo: viva a república! não passa do fundo ordinário de uma nitrreira a feder ao sol.

Porque o exercito de então não cumpriu o seu dever de manter a

ordem, de não deixar tripudiar os governantes, antes ajoelhou diante deles, é que o rei morto via perpassar o resto que a república lhe apontava. Perdido o medo da lôrça, esquecidos os seus detentores da honradez, a pouca vergonha começou e os deboches tornaram-se públicos. Canalhetes que nem para varrer uma redacção serviam, chegaram ás cadeiras do poder e levaram as suas damas atarantadas como criadas de quarto com os trajos das senhoras, patetinhas consagradas aeroplanaram-se, malandrecos que andavam à pedincha apareceram a dar leis na praça e abriram-se as casas de batota ás escâncaras e erigiram-se os palacios dos Bancos onde o jogalima não é menor; cometeram-se todos roubos e nas Penitenciárias não existem mais do que inocentes; lançou-se fogo para encobrir desfalques e uma onda de pús avassalou o país. Tudo isto porque? Porque uns coroneis se lembraram que tinham família e direito à reforma e, outros, não estando acostumados ao relento, se constiparam, enquanto na Rotunda os sargentos rebeldes disparavam as peças. E todos os males que têm passado sobre a Pátria, desde a epidemia da família Costa ao cataclismo da ida para a guerra, como se foi, desde a hecatombe da família Rodrigues até ao servedouro dos dinheiros públicos, desde o tulão da moagem a roubar-nos até ao assassino de Sidonio à solta, todos os grandes males para os quais já não servem grandes remédios partiram do exército, dos chefes do exército, a levarem bofetadas dos carbonários sem os matarem e dos generais a atolarem-se na estrumeira. Diante de soldados não se reflete na morte; comanda-se para que se morra bem ou com honra se possa viver. Os que não praticaram assim, os que não agem ainda deste modo são os grandes culpados do descalabro e não têm direito a vestir uma farda. Pague-se-lhes, embora, mas dê-se-lhes uma bata de fêmea para terem ao menos a ilusão de que ha um verbo — bater.

D. Carlos olhava todas as misérias da nação e todos os frangalhos do exército que vira em continencia à sua pessoa e, então compreendeu as razões da queda de Portugal no pântano e julgou a mulher vestida de negro e de sangue — a república — satisfeita.

la dizer-lho, mas ela não lhe deu tempo; exclamou:

— São os mesmos que dizem servir-me, aqueles que te serviriam se vencesse, que diante de teu filho se ajoelharam e na minha presença victoriosa o insultaram, são eles os que se o Monsanto tivesse sido um triunfo e os combates de Couceiro trouxessem a monarquia, de rastos, de gatas, reptis ou toupeiras, mergulhariam na baixa lisonja e na infecta transigência... Eu agora morri como tu, ó rei; não passo de uma sombra a vaguear que espera um asilo, entre os que aí estão, o meu fim depois de lhes falar a verdade, de lhes mostrar como são com tais caracteres nem eles nem eu podemos existir.

Vinha já luzindo a madrugada de ante-ontem, dealbava; depois o sol entrava no Panteon e o porteiro — que está por conta da Junta de Paróquia e tem modos bruscos de dono daqueles reacionários mortos, olhando-os de esguêlha, murmurou, lendo uma gazeta:

— «E' preciso que se saiba que estamos em república...»

Era a frase de certo advogado tronitroante nos conselhos de guerra que o outro repetia, mal sabendo como a república adejara nessa noite na morada dos reis mortos, flutuando no seu manto de treva e de sangue, alma em pena, buscando uma jazida e sendo capaz, apesar de tudo quanto disse, de se ir anichar no mausoléu do Buíça.

O ministro da Agricultura e o roubo do livro

Idéias sôbre agricultura naval — Uma obra de nome extranho — Ki Kiri Ki — Kó Kóró Kó — O livro, o ministro da agricultura — Mas que é feito do livro? — Para que serve a policia?

Era uma vez um livro de certo país misterioso, o contrario do orçamento que é um livro misterioso de certo país. Vivia, desde os fins do seculo XVI, na sua capita rota e com seus extranhos dizeres, esse mimoso trabalho:

«Nipon no lesos no Companhia no Superior Yori Christan ni Soro no catonari no togaino mondo no gatoqu xidai vaca chi tamo Doctrina»

Singular titulo para livro tão velho, mas mais extranho ainda é o resto da sua historia. Chamava-se assim a obra exotica, e talvez numa ansiedade de aprender a lêr português, vivia na biblioteca do liceu do Carmo não sabemos tambem porque, a não ser pela exposta razão de freqüentar alguma aula. Enfim, ali assistia no tempo da monarchia e chegou ao da republica com a sua tradição de ser o unico exemplar, o objecto raro, a phenix dos livros exóticos. Mandarinava, então, nesse liceu um professor de nome menos exquesito, mais acessivel.

Chamava-se Fontoura da Costa, era official de marinha e tinha tanta tendencia para a agricultura que até chegara a capitão de fragata e nesta qualidade descobrira um aparelho destinado a navegação nos mares das claras dos ovos e nos lagos das gêmas que marcara tão exóticamente como o livro á sua guarda confiado: Intitulou-o de *Ki Kiri Ki* enquanto singrou á procura de pintos e crismou-o de *Kó Kóró Kó* quando foi á bolina na caça de galos. Como se vê, era homem de sabença em seu mister de marinheiro, e até agricultava com esmero um vaso de salsa que se pendurava na sua janela da cosinha. Intellecto capaz de inventar aparelhos profundadores de gêmas, não é de qualidade de aceitar mistérios na sua frente e aquele livro extranho, de palavriado desconhecido feria-lhe a vista, a retina, entrava a traduzi-lo mas desesperava-se. *«gata qu, vaca chi»*.

Aquilo, sem dúvida, tratava de animais e êle em se reportando a

bichos, que á agricultura não fossem extranhos, desde o maltês, papão dos ratos daninhos, á vaquinha leiteira, não hesitava em sacrificios. Tomou o livro e deliberou vesti-lo, encaderná-lo, salvá-lo do frio molesto das noites, tratá-lo como um filho amado ou como a uma pessoa á quem se dá um fato para se apanhar uma herança. Foi o alfaiate desta vestimenta um livreiro da calçada do Combro, 131, o senhor José dos Santos que, passando a mão perita pela lombada do livro curioso, batendo-lhe pãncadinhas, de certo asseverou: Pois é unico! E' unico! . . .

Unico exemplar conhecido pelos bibliofilos era, na realidade, o daquelas paginas que o senhor Fontoura preciosamente conservara como se encapasse um cabaz de morangos — ele cada vez estava mais agrícola — na sua cobertura de folhinhas sêcas.

Depois, eis as voltas que o mundo dá, o homem tão dedicado á terra, foi nomeado governador do ultramar. E o livro?

Isso era o que perguntava para a região longinqua o senhor Borges, bibliotecario do liceu, ao seu antigo superior.

E o livro? Dêle se inqueriu de todos os lados sem que o mais leve sinal de se ter entendido tais dizeres viesse á superficie. Fontoura da Costa, governador de Cabo Verde, estava tão entregue á agricultura que nem a justiça o despertava ao interrogá-lo tambem: E o livro?

Como ha gente muito curiosa, amiga de dar lé, certo livreiro de Lisboa, o senhor Coelho, abalisado no assunto, indo certa vez a Madrid topara o exemplar no catalogo do livreiro Vindel (calle Mendisabal, 73) o qual lhe chamava, ruidosamente, num estralejar castanholesco:

«*Joya bibliografica de la màs extraordinaria rareza e importancia, exemplar unico, no descrito por nadie, hasta ahora*».

Caramba! Um Murillo da bibliografia, um Miura de livraria capaz de escornar centenas de sabichões!

Puès, olé, senhor Fontoura . . . Tal era a raridade que em sua mão andou . . . Tam rara, tam rara que 5000 pesetas foi o preço que um norte-americano deu para a levar da terra das *manolas* para o país dos *grate-cieles*.

Póde não ser a mesma, mas decerto não ha agricultor, mesmo prodigioso como êle, tornado da agricultura ministro, que semeasse tão rico livro e logo saíssem dois. E ainda que assim fôsse, é o caso para perguntar, ainda e sempre:

E o livro? E o livro? E o livro? Sim, o primeiro, o do liceu?

Pois já lho inqueriu a policia, pois já lho deprecou a Boa Hora, pois já lho intimou um juiz e nada, absolutamente, responde o grande agrícola.

E o livro?! E o livro? E o livro?!

Como se uma mão de nabos tivesse tapado a bôca donde saíam, outróra, em borbotões as palavras, Fontoura, o da agricultura naval — emudeceu.

Mas o mais curioso é que tambem sucedeu o mesmo á justiça, á Boa Hora, á policia como se o ladrão do livro estivesse já aparecido e aganchado na Penitenciaria ou como se o celebrado Fontoura explicasse a quem entregou a obra depois de a mandar encadernar.

Misterio tão grande envolve este rarissimo objecto que parece estar toda a gente da lei apostada em não prender o gatuno ou em explicar o desaparecimento da obra. Para isto bastava um policia e se não sabem já como se faz um serviço dessa natureza, aqui o Roberto lho ensina, não pelos seus processos, mas pelos da verdadeira lei.

O guarda, munido do respectivo mandado de captura, desce do governo civil pelas escadinhas de S. Francisco, segue pela Rua Nova do Almada, mete ao Peourinho, atravessa o Terreiro do Paço e sobe a escada do ministerio da Agricultura.

— O senhor ministro está...?

Brusquidões dum secretario, más palavras, o costume mas, o policia interrogará.

— Não é ministro o senhor Fontoura da Costa?

— Sim, senhor é aqui...?

— Venho para êle me acompanhar ao governo civil...?

— O quê?!

— É por causa dum livro de que não dá contas e que vale 5000 pesetas...

Ninguém terá a coragem de fazer isto nesta terra onde foi preso, ha dias, um garoto que roubou uma maçã na Praça da Figueira, logar agrícola tambem?

Senhor ministro, onde está o livro?! perguntar-lhe-ia eu, de frente, se encontrasse o genio das hortaliças, embora ele me respondesse:

Ki Kiri Ki! Kó Kóró Kó.

Mas, enfim, sempre era uma resposta e o paiz não pôde estar na crença que um dos seus ministros guardou, demasiadamente, um livro, que não lhe pertencia, guardou-o tanto que... até parece ter desaparecido. E quem sabe se lho roubaram. Ora aqui tem uma saída... Sempre é melhor que nada. Não é assim, *Ki Kiri Ki? Kó Kóró Kó!?*

Dois "sportmen" e a gatunice

A fuga dos Irmãos Mimoso — Lucros de guerra e o jogo — Os noticiaristas e os batoteiros — O mau emprego da palavra "sportmen" — A falta de escrúpulos do lisboeta — A imprensa ante os delitos

Fugiram, ha dias, de Lisboa, depois de terem caurinado diversas pessoas em mil e setecentos contos, dois cavalheiros de apelido Mimoso, cuja vida de estroinice, ha muito dava nas vistas.

Enquanto os soldados portuguezes se batiam nesse matadouro para onde os arrojaram cobiças, os senhores Mimosos, de charuto na bôca, faziam trapaças, porque lucros de guerra tão illicitos na sua maioria, representam a exploração da morte e alçaram até ás culminâncias alguns vadiotes que, ou encontraram cumplicidades nas secretarias, nos gabinetes dos ministros, em mais algumas partes, ou roubaram nos pesos, nos generos, nas qualidades das fazendas.

Meteram-se a negociar em automoveis, os falidos fraudulentos de agora, e, de repente, apareceram nos jornais tratados por distintos *sportmen*. Onde surgiam, barbeados de fresco, vestidos pelos grandes alliaites, ostentando amantes como quem as atira à cara das pessoas, num reclamo, êles eram, como nos *carneis mondains*, «os conhecidos *sportmen* Mimoso».

Naturalmente os seus desportos tinham consistido naquella ginástica de deitar a mão a dinheiros do que chamavam o negocio, quando da guerra; nos pontapés a alguns desgraçados, o seu *foot ball*; nas passagens dificeis de obstaculos para cujo aniquilamento seriam capazes de fazer tudo: a sua *gymkana*. Os illustres *sportmen*!

E quando êles passavam florídos, insignificantes na conversa, ignorantes, as mulheres da vida que enchem para aí esses *clubs*, desejavam imenso ser suas amantes porque os Mimosos tinham voga.

Um ou outro piratasita do mar da tinta, jornalista ou croniquista das partidas e chegadas, encarregava-se de plutarquisar estes dois irmãos estroinas adjectivando-lhes os apelidos; e, no fim, quando a gente da roda dêles, a firma das altas batotas — que hei-de especialmente aqui descrever — lhes perguntava, entre duas taças de *champagne*, quem era o sujeitinho que andava com êles, Mimosos, muito desdenhosamente, deviam responder:

— Ó menino, é aí um desses tipos dos jornais ao qual costume pagar meio bife.

Logo o outro desejava uma piadinha na folha ácerca da Lolita, coitada, que tinha talento ás carradas e não apanhára senão uma rabula numa revista, num desses quadros dissolventes esquecidos pelas autoridades.

E o frétista engravatado, piratasita sustentado a bifes, ia para a redação puxar mais lustro aos Mimosos e abanar o fogo sagrado da Lolita, gordachuda, desbragada á qual chamava *estrela de ouro*, com a idéa no pasto da taberna assim titulada.

Deste modo, cumpliciados nos negocios da guerra, admirados pelos seus iguais, alçados á *sportmen*, louvados pela imprensa, os cavalheiros conseguiram levar vida larga, merecer a confiança de toda a gente, apanhar dinheiro a tórto e a direito e até o credito que se nega nos Bancos aos honestos que não botam amante de peliças zibelinicas nem businam trompas de automoveis.

Ora essa, senhores *sportmen*, pois não... Suas excellencias pertenciam á mesma sociedade, á grei dos exploradores; pois não... Credito... E abriram-se contas nos livros bancarios para lhes serem agradaveis, em grandes barretadas á saída.

É que os Mimosos eram do alto coturno da manigância, pertenciam a uma tribu que só vive do ilícito desde o negocio ignobil á batota *chic* que existe em Lisboa a desgraçar imensa gente e a enriquecer fabulosamente os donos das cavernas onde se tocam musicas, esperneiam bailarinas e uns senhores de aspecto grave, descaradamente, com uma pásinha, limpam o dinheiro das bancas e das algibeiras. São estes os autênticos *Filhos da Noite*, os que celebravam estes Mimosos, tão felizes, que até mesmo, depois de considerados ladrões, a imprensa da minha terra, na sua quasi totalidade, lhes ocultou os nomes e lhes chamou apenas *sportmen*.

Mas *sportmen* de quê? Era isto o que eu desejava saber, que gostava me fôsse explicado em toda a sua expressão. Porque hão de ser *sportmen*, a mesma designação que se dá aos homens de sociedade que praticam os desportos num luxo e num prazer, estes dois individuos vulgares que se instalaram na vida pela porta falsa da audaciosa pouca vergonha? Porque se hão de occultar os nomes e os feitos completos desses lascarins sabidos, se á menor scena de falta de pagamento num *restaurant* as gazetas citam as más qualidades do devedor? Esta transigencia da imprensa com tais *sportmen* cheira-me imenso a cumplicidade e então, dá vontade de analisar o subsolo de certos jornais e as algibeiras de certos jornalistas afim de os amarrar, com Mimosos e outros *sportmen* de tal laia, á argola do plinto contra o qual devem ser esmagados.

Não é esta uma velha preocupação de moral bolorenta ou de pingo de simonte, é apenas um reparo a tanta bandalheira na qual se envolvem pessoas de varias camadas sem apresentarem o menor escrúpulo ante um sujeito bem vestido de quem se diz:

— Vive do jogo... Ah! Éste é dono do club dos *Bichos* ou do casino das *Rabiosas*... Excelente moço... E já tem aí uns milhares de contos...

É vulgar ouvir-se, até a respeito de casamentos em perspectiva: Então a sua filha, vai casar... E o que é o rapaz?

— Tem um bom ordenado; ganha bem... seis contos por mês...

Seis contos!?. . . Mas é banqueiro. . . ?

— Isso mesmo. . . ou melhor. Atira o dado no *Grande Club de Lisboa*.

Pois os Mimosos, como se vê, pertenciam a esta roda e a outra não lhes chamava senão *sportmen*. Intrujaram a tórto e a direito, entalaram comerciantes, desfalcaram em mil e setecentos contos, e se amanhã voltarem e se apresentarem de bom aspecto e de automovel, as mães dar-lhes-hão as filhas e dirão que as casaram com *sportmen*.

E, para que isto se saiba, a imprensa continuará a tratá-los assim, mas desta vez escrevendo-lhes os nomes e chamando-lhes «presados amigos».

As estratégias dum lente da Escola de Guerra

Tácticas de um táctico — O vencedor dos grandes exercitos — O maximo Mac — Segredos de estratégia — O general e as melas — O descalabro do genio

Ha, ao que me dizem, certo lente na Escola de Guerra, que nas suas lições gaba imenso a estratégia usada por sua pessoa, não em França, mas contra as guerrilhas de monarquicos quando da primeira incursão. Também embirra muito com o livro do bravo Ferreira do Amaral: *A mentira da Flandres e o . . . medo*.

Em seus dizeres, aqueles terriveis exercitos desencadeados aos milhões do alto das serras de Cabeceiras e Suajo encontravam firme na sua posição, hirto como um penedo, sereno como uma lomba o professor que os pulverisava. Claro ser uma enorme mentira não passarem de doze os companheiros do padre Domingos, pois se assim fosse, esse destruidor de legiões nem teria o merito dum varredor de leiras.

O que, na boa realidade, esse militar terrivel fez foi aniquilar, por sua especial sabença, toda uma massa enorme de formidaveis guerreiros. Como se sabe em Cabeceiras havia uma artilharia tão forte que os canhões monstruosos da grande guerra ficavam a perder-se á sua vista; a cavalaria lembrava a da celebre carga d'Eylau, infantaria era tanta que fazia estremecer a terra quando passava e tendo o marechal Domingos precisado de aeroplanos, vieram as nuvens . . . e cobriram o sol. E para deitar tudo isto bastou um homem, de dedo na testa, a expelir estratégia. O que é a sciencia, meu Deus! — grita aqui o Roberto — o qual, grande incrédulo, teimava ainda ha pouco ter, a duzia de guerrilheiros, pouca táctica, mas ainda assim o suficiente para fazer debandar soldados regulares. Vai-se a vêr, um simples oficial gerava a derrota, não de tão poucos serranos, armados de caçadeiras, mas das tremendas e imensas gentes de guerra que acabamos de descrever!

Portugal — deve sabê-lo o orbe inteiro — possui hoje o táctico mais extraordinario, o estratégico mais talentoso que é possivel imaginar-se.

Houve, noutro tempo, em Viena, um homem de fama em tal sciencia que se chamava o general Mac e do qual se dizia na Europa: Quando este genio fizer um plano de campanha vence todos os exercitos do mundo.

Sabia-se isto nas chancelarias, nos corpos do estado maior olhava-se desconfiadamente cada vez que se dizia ir Mac publicar as suas opiniões e o general incomensuravel em artes belicas, soberbo em marciais conge-minações, não aparecia, vivia no segredo como convinha a tão grande cerebração e, se surgia nalguma festa da cõrte, estava sempre de tal maneira calado que se via logo seu aprofundado estudo a continuar-se mesmo nas diversões. Suava estratégia e cada um dos seus passos era tão medito como se estivesse defronte do inimigo a iludi-lo com suas manhas.

Na sua farda magnifica já não cabiam mais condecorações; a Europa dera-lhe todas as suas e, muitas vezes, Mac tinha que as pendurar nos braços; uma vez atou a Jarreteira em volta do pescoço e o Tosão de Oiro numa perna. Era assim distraido e modesto o celebre general Mac. Para êle, aquelas litas não passavam de enfeites porque na sua vida, no seu cérebro na sua alma só a estrategia existia e o resto via-o apenas como ninharias. Ah! mas tambem se o general Mac entrasse em função, ver-se-ia a Austria dominando o mundo. Cada vez que se falava em guerra, toda a terra murmurava:

— Mac... Mac... Mac...

Bastar-lhe-hia a menor das suas ideias para aniquilar os inimigos, por maiores que fõessem.

Um dia, porêem, não houve fórma de se evitar a guerra e foram buscar Mac. O grande homem pasmou, muito atrapalhado, córou, pediu desculpa do que viam. Estava a fazer meia.

Dentro em horas os austriacos eram batidos e a reputação do grande tático perdia-se como se um sabio militar fõsse agora obrigado a fazer dar certos os seus planos de campanha.

Mas com o de Portugal não ha este perigo; fala muito, ao que me narram... e as meias agora fazem-se á maquina.

História de dois republicanos ou dois republicanos históricos

O 31 de Janeiro de 1891 e o regicídio — Os princípios e a mocidade — Onde se evoca a matança dos lentes — Como foram recebidos os rialistas em Lisboa — Emilio Navarro e Mariano de Carvalho contra eles — Da festa ao jacobinismo

Os republicanos recordam os seus mortos dos 31 de Janeiro, desde 1892 com o mesmo enternecido culto votado pelos monárquicos aos seus reis assassinados, trinta anos depois, na cilada do Terreiro do Paço. Após o sangue dos soldados percursores da república derramado no Porto numa madrugada algida e neblinada veiu uma larga paz até à hora em que as balas dos regicidas abriram um largo parantesis de tragédias e de horrores.

Aquela revolução que, a imitar a de 1820, contava com a glória de vencer sem combate também sofreu a sua cilada e uma mocidade generosa, viva, ardente que frequentava as escolas, anos depois, ligara-se a essa recordação dos militares varejados, dos chefes em fuga ou presos, dos navios de guerra atulhados de vencidos, até mesmo à de renegados, declarando cousa alguma quererem de comum com os visionários, mas sobretudo, prendiam-se na lembrança dos abatidos na madrugada celebre e que dormiam sob o seu monumento no cemitério do Repouso.

Coimbra, como sempre, era a séde da intelectualidade académica, naqueles alíobres seculares se criavam os futuros dirigentes da nação como em horto bem cuidado se lançam à terra sementes que muitas vezes não germinam. Havia, então, uma maioria republicana na Universidade talvez porque se estava em monarquia ou porque nas almas romanticas — naquela época ainda se era romantico sem córar, antes orgulhosamente se batiam no peito as punhadas da fé, por uma mulher, por um juramento, por um ideal — levedasse a aura do martirio dos degredados, se

sonhasse uma nova revolta, se quizesse morrer nas barricadas, de cabelos ao vento, bandeiras alçadas, muito teatralmente. Uma parte aristocrática de estudantes que representava a tradição, a monarquia, blasonava as suas idéas, arremetia contra os outros, ébrios de ardores revolucionários, emfim, de rebeldias bem próprias de quem não nasce conselheiro ou de calculistas lunetas.

Tratava-se de corresponder à idade, de agitar, perturbar, demolir; e ser republicano, então, era como declarar abertamente que se tinha uma certidão de idade bem moça, embora já houvesse brancas nalgumas cabeleiras. Tunanteava-se, garotava-se, como era próprio dessa turba nova que andava de capa ao hombro a marcar não ter apenas a vida vegetativa de leitores da sebenta, e a aspiração duma cathedra, do capelo e da bórta das faculdades. Balburdiava-se mas quando se tratava dum acto de coração acorria-se comovidamente, com ânimo a praticá-lo. Ao apelar-se para o idealismo era vêr qual deles desbancava o outro em visões e em gestos nobres. Por isso, quando uma sociedade republicana do Porto convidou os estudantes de Coimbra para uma manifestação no aniversário da revolta vencida, os académicos não hesitaram e sob a acção dirigente de Artur Leitão, acaudilhado por outros condiscipulos que deveriam, como êle, pleitear pela democracia pura, reuniram-se no pateo da Universidade e, entre vivas e palmas, na apoteótica ânsia de darem alguma cousa ao seu crêdo, deliberaram aceitar êssa idéa de confraternisação sôbre o túmulo dos soldados caídos na manhã âlgida de 31 de janeiro de 1891.

A parte monarchica dos escolares determinou tambem fazer qualquer cousa e, sob o entusiasmo fervente dos adversários, meditou num acto que reboassa tanto como aquella marcha procissional de turbulentos tornados crentes, de despropositados cheios de aprumo, transformando-se em nome duma recordação heroica.

Foi em casa do teologo Alves dos Santos, reacionarissimo ao tempo, que Egas Moniz, então o mais ousado dos monarchicos, deliberou o grande passo a dar com os seus colegas em ideais.

Imaginariam outros moços um cortejo de protesto, um encontro batallador de princípios, mesmo algumas mócadas, trocadas por horas mortas, nas ruas da Alta, como na cidade medieval se fizera por tranças loiras ou negras ou por graves rixas de bandos contrários.

Umhas cabeças abertas de realistas e de jacobinos, alguns berros, mesmo o seu tirosito, teriam soado menos mal do que a idéa espendida pelo descendente do morgado de Avanca, o denodado Abreu Freire, que à noticia da vinda de D. Miguel — nessa burla de 1846 — se escanchara na egua e, de pistolões nos coldres, se dispuzera a pelejar.

Mais de retumbância fôra o alvitre de Egas Moniz: ir a Lisboa felicitar El-Rei pelo malogro da revolução; entrar na cidade com os seus

correligionarios e, achegando-se junto do trono, que sofrera, havia alguns annos, o embate das balas republicanas, dizer a Sua Majestade que rejubilavam porque a terra se tingira de sangue, que se regosijavam ante o luto, que nas suas almas moças o odio se abrigava quando se começava a falar em amnistia, que não eram mais rapazes mas energumens, e que as suas capas encobriam vultos de reacção tão grandes como nunca outros iguais houvera.

Eles não eram com aqueles filiados da associação secreta dos *Devotignos*, indo pelo segredo da treva, mascarados e de pistolas aperradas aguardar os lentes que tinham resolvido partir para Lisboa a saudar D. Miguel tornado rei, o absolutista feito poder; não passavam de loucos liberais, de assassinos em nome de principios falsos, esses academicos decididos a defrontarem as forças antes que a Universidade se rojasse aos pés de quem as mandava erguer.

A missão de escolares desse ano, a que caminhara para a capital com os desígnios de saudar D. Carlos, pelo triunfo monarchico, avançava não como estudantes, gente moça, ardente, mas como os lentes enra-pesados, de oculos vetustas, que, noutros tempos, tinham decidido correr a festejar o rei absoluto.

Eram como renegados desse grande direito da rebelião que nas almas da Juventude surge, o calice consagrado das paixões a tornar-se, pela vida fóra, em taça de saudades. Acorreriam, não como academicos, mas peores que conselheiros de idades propectas, detestadores do cheiro da polvora, bravamente bajulando e condenando.

Como conselheiros mas não todos — é preciso dizê-lo — pois dois antigos ministros do rei, que, eram dois grandes jornalistas — Emidio Navarro e Mariano de Carvalho — levantaram as suas vizes num protesto, enojados contra tanta subserviencia. As *Novidades* e o *Popular* criticaram essa mocidade que vinha, falha de ímpetos, generosos ajoelhar-se e felicitar o soberano porque a sorte das armas o tornara vencedor, como criaturas já sem alma, sem vibrações, a moverem-se per interesses egoístas.

A academia de Lisboa — então rebelde tambem a imaginar uma republica salvadora, que seria a sua máxima desilusão ao triunfar — essa, achou outros argumentos mais directos, embora menos perfumados que o estilo dos illustres escritores a anatematisarem, nessa hora, mancebós venturosos porque alguns mortos jaziam sob a terra em nome duma idealisação contraria à sua.

Os estudantes de Lisboa agarraram em excrementos de toda a ordem, na bosta crêspa dos bois, nos lixos mais imundos, nas caliças ordinarias, na lama, no lôdo e, pegando-lhes com furia, lançaram-nas sobre os delegados, besuntaram-lhes as capas e os rostos, vaiaram-nos, clamaram, insultaram-nos até que, metidos entre policias, os academicos foram ao hotel

lavar-se e seguiram para as Necessidades a dizérem a Sua Magestade que, do íntimo dalma, se regosijavam pela morte dos vencidos e pelo degrêdo dos escapos às balas.

Para virem até ali tudo tinham sacrificado. A sua existencia, desde algumas horas, agitava-se entre estas duas cousas tremendas: a convicção politica e a bosta; a consciencia de realistas puros e o excremento de cavallo.

A tudo isto resistiram aquelas profundas e arreigadas crenças de gente tão moça que os conselheiros os estranhavam, que admiravam, decerto, o proprio soberano no seu trono, e levavam os adversarios aquella argumentação porca; não havia duvida que um singular baptismo politico os aguardara na cidade nem esperavam triunfos sem par, que uma repulsa contra eles nascera e vibrara mas pouco pouco lhes importava, pois, se as suas consciencias estavam puras e de boa vontade se lançavam no esterquilinio como S. Lourenço na sua grelha.

Deles não se poderia duvidar jamais. Tinhañ affrontado cousas peiores do que as balas para mostrarem as suas altas crenças, e embora Mariano de Carvalho afirmasse que «quem não era republicano até aos vinte e dois anos era tolo e se continuasse a sê-lo dessa idade em diante de todo teria endoidecido» eles, com a ousadia de quem tanto aceitava apódos deprimentes, como a excrementicia manifestação, deliberavam fincar-se bem na sua enorme lé. Quem pode duvidar duns rapazes que sentem a cara lambuzada de fezes em nome dum principio?

Ninguem.

Egas Moniz, chefe da missão que viera a Lisboa saudar o rei pelo fracasso da revolução republicana, estava consagrado monarchico; Alves dos Santos, clérigo, que só por envergar habitos talares não o acompanhara mas em cuja casa se reunira o magno areópago, tambem não podia deixar de ser visto como uma féra nesses coisas de ideais, os outros do mesmo modo estariam aptos, mal acabassem os cursos, para entrar no emprego público.

Os anos passaram e aquelas mentalidades de rapazes realistas decerto se afervoraram no culto pelas idéas que tanto os tinham feito sofrer, que os mergulharam em vasa e em grotesco e jamais, quando, diante deles, se falasse em republica as suas almas teriam uma vibração satisfeita nem as suas reuniões um faro acolhedor, e, assim, até à morte, bem presos na crença e no culto da realeza, eles morreriam, depois de terem visto cair o seu rei às balas dos sicarios no Terreiro do Paço e de se implantar o regimen detestado por eles, na Rotunda.

Com efeito assim succedeu. Os estudantes monarchicos embostados em Lisboa, quando da manifestação, morreram. Um, Egas Moniz, não é decerto o mesmo conspirador dissidente contra êsse D. Carlos chacinado pelos cumplices da sua resolução, tampouco é o *leader* jacobino

da epoca sidonista. Não; o outro faleceu lavado naqueles sacrificios; o padre Alves dos Santos—o que cedeu o tegurio para assemblar os delegados—tambem se finou. Ha para aí um outro de apelidos iguais que é senador da republica e seu grande partidario depois dela ter vencido. Morreram, porque se estivessem vivos decerto justificariam os excrementos.

SUMÁRIO DO N.º 6

SABADO, 10 DE FEVEREIRO

A mulher e a femea portuguesas—A' Sombra do Frontão—Pão, Pinho e Pau—Os novos ricos no Tavares rico—Critica da semana, etc.

A Imprensa e os "Fantoches"

O PRIMEIRO DE JANEIRO — *FANTOCHES* — Rocha Martins, o ilustre director do *ABC*, vem de arremessar para o publico os seus vigorosos *Fantoches*, irrequietos, mordazes e lustigantes panfletos de critica severa. São dois os numeros já publicados, de tantissima procura, que temos sobre a nossa banca, em ambos eles o valente polemista vai stigmatizando alguns factos a que a imprensa diaria largamente se tem reterido.

Gratos á gentiliza da oferta e — longa vida.

REPUBLICA Rocha Martins envia-nos o terceiro numero de s seus *Fantoches*. Implacaveis e brilhantes como sempre. Mais uma corôa de gloria do vigoroso polemista.

A Independencia do Brasil

E UNANIME A IMPRENSA EM DIZER QUE ESTA OBRA DE
ROCHA MARTINS

EDITADA PELA "LUMEN"
É O SEU MELHOR TRABALHO LITERARIO. A SEGUIR PUBLICAMOS A IMPRESSÃO DO ILUSTRE ESCRITOR E NOSSO COLEGA DO "CORREIO DA MANHÃ" SR. CAMARA LIMA:

A INDEPENDENCIA DO BRASIL

de ROCHA MARTINS

Ainda estamos lendo esta obra, mas não queremos deixar para mais tarde o dever de a agradecermos a Rocha Martins.

Chega a parecer impossivel que um homem de tão multiplas occupações, tenha tempo para carrear os materiais indispensaveis para a obra de tanto lólego e ainda escrevê-la!

A Independencia do Brasil é um dos mais valiosos trabalhos historicos de Rocha Martins e um dos seus mais brilhantes trabalhos literarios.

De facto, este livro não se parece pelos processos com os trabalhos historicos que a todo o momento se nos deparam. É escrito fluentemente, com a leveza de novela, tendo o leitor a impressão de que está conversando com o autor.

O livro, que deve ter grande aceitação mórmente no Brasil, é ornado com muitas estampas e tem uma edição magnifica para os tempos que vão correndo. — CAMARA LIMA.

SÓROS E VACINAS

TODAS AS EMBALAGENS SÃO ACOMPANHADAS DE SERINGAS E AGULHAS

INSTRUMENTOS CIRÚRGICOS
APARELHOS DE MEDICINA

Estabelecimentos ALVARO CAMPOS

LISBOA-PORTO

Telef. 1017-Central

